

CONTRIBUIÇÕES PARA DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS: a imagem do índio brasileiro.

Andrea de Lima Ribeiro Sales¹

Marcelo da Cunha Sales²

Resumo

Com este texto pretendemos contribuir para valorização, compartilhamento e divulgação de conhecimentos sobre a temática cultural indígena. Reelaborar e modificar a imagem caricaturada que lhes são atribuídas. Além disso, fornecer subsídios de pesquisa para entre outras coisas, a implementação da Lei 11645/08 que prevê o ensino das Histórias e Culturas indígenas e afro-brasileiras nos currículos dos sistemas de ensino.

Palavras chave: Indígenas brasileiros; Processos próprios de aprendizagem; Interculturalidade.

Introdução

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES/DS, colaboradora do Pró-índio/UERJ e professora da EJA Guarani. E-mail: profesalles@yahoo.com.br.

² Pedagogo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Técnico Administrativo em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ex Professor da EJA Prisional. E-mail: pbmarcelo@yahoo.com.br.

O texto que segue serviu de base para a oficina “Breve histórico sobre as culturas e educações escolares indígenas: contribuições para implementação da Lei 11645/08 que foi ministrada durante o I Seminário de Pesquisa e Prática Educativa: os desafios da pesquisa no Ensino de História da UFRRJ. Neste momento desejamos que ele seja também, um convite para reflexão sobre algumas idéias equivocadas que muitas pessoas no Brasil ainda tem quando o assunto se refere aos povos indígenas.

Assim, para nortear nossa escrita, seguiremos as mesmas linhas de pensamento do índio Gersem Baniwa e do Professor Bessa Freire. Em seus escritos, contribuem, e muito, para a desconstrução desses equívocos e conhecer nossas origens e a sociedade que vivemos.

No que diz respeito à produção de conhecimento sobre este tema, podemos observar que existe escassez de informações ou quando existem, são desconstruídas, generalizadas, congeladas e por muitas vezes preconceituosas. Informações que geram visões de afastamento e repúdio aos índios do presente.

Gersem Baniwa (2006) nos convida a trocar os óculos do passado e perceber um indígena que está em busca de respeito, conhecimento e reconhecimento:

“Um mundo que se autodefine como moderno e civilizado não pode aceitar conviver com essa ausência de democracia racial, cultural e política. Como se pode ser civilizado se não se aceita conviver com outras civilizações? Como se pode ser culto e sábio se não se conhece- e o que é bem pior-não se aceita conhecer outras culturas e sabedorias?”(p.35)

O índio genérico ou a generalização dos povos.

A equipe Vídeo nas Aldeias oferece formação continuada aos indígenas para que aprendam a utilizar câmeras e fazer filmes de suas próprias vidas, ou como aponta Walter Benjamin (1985), *dar voz aos vencidos*. Quando estavam construindo

a coleção de dvds “Índios no Brasil”, colheram informações e pesquisas de diversas partes do país. Ficou latente a visão que consta em grande parte dos livros didáticos e nos telejornais: a visão equivocada que os índios são apenas um grupo, que todos falam a mesma língua e vivem a mesma cultura.

Dados da FUNAI e de diversos órgãos indigenistas dão conta da existência de 225 povos, falantes de mais de 188 línguas diferentes. Totalizando quase um milhão de indígenas, sendo mais da metade aldeados e os demais vivendo nas cidades sendo reconhecidos como “índios urbanos”. O equivalente a 0,3% da população brasileira. Muito aquém dos 10 milhões falantes de mais de 1300 línguas do início da colonização.

Essas afirmações completamente errôneas levam à redução dos Guarani, dos Tapeba, dos Xacriabá para o caminho da unificação, ou seja, da transformação de diferentes especificidades em uma única categoria “índios”. Essa redução contribui para o apagamento das diferenças, das especificidades, do multilinguismo, enfim, da identidade indígena. Bessa Freire (2009) esclarece esta questão do geral para o particular:

“...existe também “europeu” como uma denominação genérica que engloba vários povos de línguas e culturas diversas e ninguém questiona isso...quando um português ou um francês dizem que são europeus, essa denominação genérica não apaga a particular. Eles continuam sendo cada um...”(p.83)

No que diz respeito ao termo “índio”, Gersém Baniwa, uma reconhecida liderança do país, afirma que por muito tempo foi um termo pejorativo. Algumas etnias não se permitem ser chamadas assim, mas para grande parte deles, é consenso que os chamem de índios mas acompanhados da etnia. Por exemplo: índios Kaingangue, índios Terena, índios Maxacali...pois significa *“identidade indígena, orgulho de ser o que se é”*.

Um outro exemplo de diversidade é o relacionado às línguas. Se um Guarani tentar conversar, na sua língua, com um Baniwa, será o mesmo que um brasileiro conversando com um alemão. Caso não exista um idioma básico para o diálogo, não haverá entendimento. No caso dos indígenas o Português é ensinado nas escolas indígenas como segunda língua, uma língua de instrução. E a prioridade nas escolas das aldeias é para o ensino da língua materna.

Fazendo um resgate do passado, na história do Rio de Janeiro, os índios Coropó que viviam às margens do rio pomba e na parte sul do alto paraíba, pertenciam ao tronco lingüístico Macro-Jê e nada entendiam do que falavam os Temiminó, que viviam ao longo da Baía de Guarnabara e falantes do Tupi ou Tupi-Guarani.(FREIRE e MALHEIROS, 1997:6)

Culturas atrasadas ou primitivas.

Este equívoco é proveniente das afirmações dos colonos que qualificaram as línguas, religiões e organizações indígenas inferiores à europeia. Foi um pensamento colonizador e ainda pertence a muitos que não aceitam conhecer a interculturalidade vivida pelos indígenas. Segundo Freire (2009:86), *“...os lingüistas sustentam que qualquer língua é capaz de expressar qualquer idéia, pensamento, sentimento e que, portanto, não existe uma língua melhor que a outra nem, nem inferior ou mais pobre que outra.”*

Quanto às cosmologias indígenas (o que entendemos por religiões), sempre foram tratadas por “superstições, práticas bárbaras, abomináveis e sem fundamento”. Estas afirmações são descabidas pois os indígenas possuem um conjunto de saberes que fazem parte da etnociência. Saberes construídos pelas bibliotecas volantes, que são os mais velhos, e difundido entre todos da aldeia.

Atualmente a etnociência indígena é prescrita antes de qualquer atuação da medicina dos juruá (brancos em Guarani). Os sábios e os pajés utilizam seus remédios naturais para curas de gripe, desidratação infantil e outros males que

afetam os indígenas. Em 99% dos casos a cura é encontrada nas aldeias e nos casos em que isso não ocorre, pajés e médicos trabalham juntos pela cura daquele doente.

“Quando não havia brancos, os nossos antepassados curavam-se da malária com cascas da floresta. Esses remédios contra malária que usavam os nossos antepassados, continuamos também a usar para nos curar.”(Escola dos Watorikt theri pe. 1998:39)

No caso dos índios Xikrin, saber ouvir e falar é muito importante. Para isso, passados alguns dias do nascimento, os lóbulos das orelhas de meninos e meninas são perfurados e é posto um fio de algodão para impedir que se feche, à medida que a criança cresce, o mesmo é substituído por um bastonete cada vez maior até a medida de um centímetro e meio.

Segundo os Xikrin, isto é para aguçar a audição, o entendimento e ter mais conhecimento. O lábio inferior dos meninos é perfurado e também posto um bastão para se buscar maior capacidade de usar a palavra. Por isso, os discursos inflamados realizados no centro da aldeia são exclusivos para os homens. (RCNEI, 1998).

Como e porque denominar de atrasados e preguiçosos, povos que sabiam fiar e tecer algodão, plantar e colher diversificadamente, fazer canoas, casas e cerâmicas com tanta tecnologia que espantou os dominadores?

Não foram os colonizadores que ensinaram os índios estas e outras técnicas. Mas estes que se viram obrigados a aprender com eles caso quisessem constituir herança no Brasil. No entanto, como não queriam “gastar” suas epidermes, se utilizaram da violência para escravizar e exterminar grandes números de indígenas. Deixemos este tópico como mais um ponto para reflexão.

Registros missionários do século XVI apontam algumas aldeias e práticas: aldeia Kariók, localizada no morro da Glória. aldeia Urussumirim, na praia do Flamengo. aldeia Kariane, próxima à lagoa Rodrigo de Freitas. Nos morros de Santa Teresa e Santo Antônio encontravam-se as aldeias Katiné, Kiriri, Atuará e Purumé. Em todas elas cultivavam roças comunitárias, mandioca, milho, abóbora, feijão, amendoim, tabaco e muitas árvores frutíferas. Plantavam e teciam algodão para fazerem suas redes. Fabricavam cestas de cipó, panelas e vasos de barro, machados de pedra, facas de casca de tartaruga, agulhas de espinhas de peixe e instrumentos de sopro e percussão. (FREIRE e MALHEIROS, 1997).

Mesmo com tantas evidências, a propagação nas cartas enviadas a Portugal e o que ainda está na memória de vários brasileiros é que os indígenas foram e são “preguiçosos e primitivos”. Até quando esse equívoco aberrador irá persistir?

Congelamento das culturas

As frases mais comuns que ouvimos nas entrevistas feitas pela equipe do vídeo nas aldeias e que constam na coleção de dvds, disponível no site www.dominiopublico.gov.br, são: “Se usar roupa não é mais índio, é branco! Se tem televisão, rádio e celular é um índio falso! Se tem cara de índio mas fala português, perdeu a cultura!” E tantas outras afirmações que incomodam os ouvidos dos indígenas, e dos nossos, a cada vez que escutamos. Isso pode ser reflexo de desconhecimento ou de não aceitação do outro.

Mas se olharmos para nossas práticas diárias, não estranhamos em nada e dizemos, apesar de tudo, que “nossa cultura é 100% brasileira”. Lhe convidamos a refletir sobre essa máxima a partir das pistas abaixo:

- 1- Ao acordarmos tomamos um banho, hábito indígena;
- 2- Tomamos um capuchino ou um chá com pão francês;

- 3- Usamos roupas jeans e um tênis da Nike;
- 4- No pulso um relógio made in Taiwan;
- 5- No bolso ou bolsa um celular Samsung, Nokia ou Blackberry;
- 6- Ao nos locomover, se tiver carro vamos de importado ou 99% concebido no estrangeiro;
- 7- No Rio de Janeiro, se nos locomovermos de trem, vamos nos apelidados: coreano geladão ou de chupetinha do Japão, reformados com recursos do BID;
- 8- E sem falar do ônibus da Mercedes Benz;
- 9- No almoço passamos no MC Donalds e comemos um fast food com refrigerante que corrói o estômago aos poucos e deixa os quadris femininos avantajados;
- 10- No lanche, um coffee break;
- 11- Na janta, uma pizza ou uma macarronada;
- 12- Nosso idioma é um português com sotaque cariquês. Sim, porque há o português com sotaque nordestino, sulista, paulista, mineiro...e agora passamos por mais uma reforma (ou seria uma colonização da escrita?) que determina que nossa escrita seja idêntica a da fôrma do português de Portugal. E pra completar, quando viajamos para um país estrangeiro, ai de nós se não falarmos o Inglês, Francês ou Espanhol. Por outro lado, se são eles que vêm até nosso país, aí de nós se não falarmos o idioma deles também.

Afinal de contas, mesmo com todas estas características, e tantas outras, é possível continuarmos afirmando que nossa cultura é 100% brasileira? E até quando vamos continuar ouvindo que o índio de "verdade" é o que vive nu, come peixe, mora na mata e faz hu, hu, hu com a boca? Por que não aceitar que eles e nós passamos e sempre passaremos por um processo chamado interculturalidade. Ou será que ainda usamos as mesmas roupas dos portugueses de 1500?

A interculturalidade, de acordo com Bessa Freire (2009:94) "*é o resultado da relação entre culturas, da troca que se dá entre elas. Ou seja, tudo que a*

humanidade produz de bom e que merece ser usufruído por todos". O que acontece é que a maioria das coisas foram impostas aos indígenas e não foi lhes dado direito de escolha. O que buscamos é um diálogo respeitoso entre as culturas. E quando a cultura indígena aparece congelada em vários discursos, é a prova de que não os deixam transitar em outras culturas.

No Rio de Janeiro existem seis aldeias com quase 800 índios Guarani: Mamanguá, Araponga e Itatim em Paraty e Paraty-Mirim. Sapukai e Rio Pequeno em Angra dos Reis e uma em Camboinhas, Niterói, fincada sobre um cemitério indígena. Em todas elas há a presença da língua portuguesa como segunda língua. Os Guarani afirmam, que *é importante que aprendam para não serem enganados por nós*. Se andam de roupa é porque estão em contato direto com as populações locais e querem respeitar o pudor de cada um. Se agora são obrigados a comer o arroz e o feijão dos brancos é porque a terra em que estão é infértil e cheia de pedras. Não esquecendo dos rios que secam ou estão sujos por causa das fazendas dos não índios.

Nem mesmo os indígenas que vivem em locais longínquos, com distância de três dias de barco rio acima, ou um dia de avião, podem viver como os antepassados de antes de 1500. E para aprender as outras culturas, os indígenas permitiram a entrada da escola em suas aldeias. Cada uma delas administrada de forma diferente e específica para cada etnia. E principalmente, resignificada pela vontade deles.

Se todas as culturas são dinâmicas e mudam constantemente, por que continuar achando que as culturas indígenas devem continuar congeladas? Elas devem ser modificadas a medida em que eles desejarem que novas adaptações sejam incorporadas e jamais impostas como há muito foi feito.

A não aceitação do índio na formação da identidade brasileira

Quando os europeus decidiram “conquistar” novas terras e “descobrir novos mundos”, encontraram em grande número, por exemplo, no que é hoje Nova Iguaçu, Queimados e Magé, o povo Tupinambá (entre outras etnias). Em Japeri, os Japeri (Iaperi). Em Campos dos Goitacázes, os Goitacá. No norte fluminense, os Tupinikim. (FREIRE e MALHEIROS, 1997).

Serafim Leite (1938) conta que no início da colonização utilizaram os índios mais fortes e os aprisionaram para fazer proteção da costa brasileira. Outros, para indicar os caminhos das riquezas naturais. Mulheres e suas tabas serviram aos desejos masculinos. Décadas depois as crianças foram exiladas pelos jesuítas nas escolas elementares, de onde não saiu nenhum formando.

Com a presença de diversas doenças, lutas internas e dizimação, os indígenas foram reduzindo e para cobrir essa “falta”de mão de obra, desde 1680, os escravos africanos foram oficialmente trazidos para essas terras. Isso porque essa prática era constante mas informal. Todas essas ações eram necessárias porque era preciso formar uma “nação”. Quando na verdade, o quadro foi de deformação.

Nesse contexto, a população gerada no que é hoje o Brasil pertencem às matrizes indígenas, européias e africanas e depois da migração de outros povos, contamos com a presença de japoneses, turcos...

Bessa Freire (2009: 102-103) nos informa da festa dos 400 anos de “Descobrimto do Brasil”. Ocorrida em 4 de maio de 1900. Na ocasião, Paulo de Frontin (1860-1933), que foi Engenheiro e político carioca, responsável pela ampliação do abastecimento de água do Rio de Janeiro (a então capital do Brasil).Depois destes feitos se tornou Prefeito e duas vezes Senador. Em seu discurso do Quarto centenário afirmou o seguinte:

“Os selvícolas, esparsos, ainda abundam nas nossas magestosas florestas e em nada diferem dos seus ascendentes de 400 anos atrás; não são nem podem ser considerados parte integrante da nossa nacionalidade; a esta cabe assimilá-los e, não o conseguindo, eliminá-los.” (FREIRE, 2009:103)

Em outras palavras, foram propostas de continuidade da dizimação de pessoas que não faziam parte da nação desejada por Frontin...um absurdo! No entanto, graças às etnias que conseguiram resistir, são consideradas pelo IBGE como os brasileiros que estão se multiplicando cada vez mais.

Para não concluir

O que é um índio autêntico? Até que ponto em nossas veias não corre o sangue indígena? A quem cabe designar se somos índios, negros, europeus? A cor dos olhos, cabelo, nariz, idioma...trata-se de uma questão cultural e histórica.

Deixamos para aguçar as vossas reflexões uma frase do Antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro. Dita por ele quando os arroteiros que ocupavam a terra indígena Raposa Serra do Sol quiseram que os índios Macuxi, Wapixana, Taurepang e Ingarikó provassem que eram índios. (FREIRE, 2009: 104)

“No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é!”

BIBLIOGRAFIA

BANIWA, Gersem. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília, MEC/SECAD/LACED/Museu Nacional, 2006.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221 (obras escolhidas, vol. 1)

-----Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Macie Gagnebrir: 7 ed.- São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília: MEC/SEF, 1998.

Escola dos Watoriki thei pe. *Yama ki hwerimamouwi the ã ani. Palavras escritas para nos curar*. 2. Ed.- Brasília: MEC/SEF/CCPY, 1998. 91p.il.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco idéias equivocadas sobre os índios. In: *Educação, cultura e relações interétnicas*/Ahyas Siss, Aloisio Jorge de Jesus Monteiro (orgs.); Amparo Villa Cupolillo...[et al.]- Rio de Janeiro: Quartet: EDUR, 2009.

FREIRE, José Ribamar Bessa e MALHEIROS, Márcia F. *Os Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Programa de Estudos dos Povos Indígenas. Departamento de Extensão/SR-3. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: NAPE/DEPEXT/SR-3.1997.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. S. I. Lisboa: Portugal; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1949. 10 v.: il., 25 cm.